
PAISAGENS INVISÍVEIS NO ENTORNO DO CEFET-MARACANA-RJ: TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE DOS PORTADORES DE NECESSIDADES ESPECIAIS

Márcio de Araújo Moreira ¹
Ana Carla Machado Alves ²
Luiz Fernando Moreira Meirinho ²
Júlia do Carmo Aranha ²
Victor Hugo Mendes Zenteno Zuleta ²

¹ Professor EBTT do Centro de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca – CEFET RJ

² Aluno do Centro de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca – CEFET RJ

Correspondência:

Márcio de Araújo Moreira

Escola Centro de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca – CEFET RJ

Rua Canaveiras, 700/604, Grajaú, Rio de Janeiro, CEP.: 20561-000 – RJ, Brasil.

E-mail: maraujom1972@gmail.com

Recebido em agosto de 2020

Aprovado em dezembro de 2020

Artigo disponível em: www.cadegeo.uff.br

Invisible Landscapes Around CEFET-Maracanã-RJ: Territory And Territoriality Of People With Special Needs

Resumo

O presente trabalho originou-se de uma pesquisa realizada para etapa da III Olimpíada Brasileira de Cartografia em 2019. Pretende-se levantar uma discussão e comprovar a existência de paisagens e territórios invisíveis, perceptíveis apenas à uma parcela da população com necessidades especiais, que frequenta diariamente o Centro de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET - Maracanã RJ) e as instituições no seu entorno. O objetivo é, a partir da construção de um mapa bidimensional e de um mapa tátil de orientação para alunos com necessidades especiais que transitem do ponto de desembarque dos transportes públicos até a escola, levantar a discussão sobre a concepção da existência de paisagens e territórios invisíveis, já que as condições estruturais do passeio público, impedem que os portadores de necessidades especiais possam desenvolver uma relação de territorialidade com esse espaço urbano, fato não perceptível a quem tem mobilidade plena e a administração pública. Os mapas foram feitos através de pesquisa de campo e utilizando-se bases do Google Maps, QGIS e Sputnik. Considera-se que o espaço urbano foi criado com a função de servir a mobilidade, e quando não pode ser usado de forma plena para o seu fim pelos portadores de necessidades especiais, conclui-se que isso representa uma dificuldade na territorialização "invisível" desse espaço, de acordo com a função à qual ele foi criado. Essa dificuldade tem forte simbolismo para esse grupo, que não conseguem estabelecer uma identidade com esse território, pois não tem meios se apropriar desse espaço devido as condições que ele lhes oferece.

Palavras-chave: Paisagem, Território, Mobilidade urbana.

Abstract

The present work originated from a research carried out for a stage of the III Brazilian Cartography Olympiad in 2019. It is intended to raise a discussion and to prove the existence of invisible landscapes and territories, perceptible only to a portion of the population with special needs, who daily attend the Celso Suckov da Fonseca Technological Education Center (CEFET - Maracanã RJ) and the institutions in its surroundings.

Starting from the construction of a two-dimensional map and a tactile guidance map for students with special needs who travel from the public transport landing point to the school, the objective is to raise the discussion on the concept of the existence of invisible landscapes and territories, since the structural conditions of the public promenade prevent people with special needs from developing a territorial relationship with this urban space, a fact that is not perceptible to those who have full mobility and to public administration.

The maps were made through field research and using Google Maps, QGis and Sputnik bases. It is considered that the urban space was created with the function of serving mobility, and when it cannot be used fully for its purpose by people with special needs, it is concluded that this represents a difficulty in the "invisible" territorialization of this space, according to the function for which it was created. This difficulty has strong symbolism for this group, which is unable to establish an identity with this territory, as it has no means of appropriating this space due to the conditions it offers them.

Keywords: Landscape, Territory, urban space.

INTRODUÇÃO E OBJETIVOS

A produção desse artigo é um desdobramento do trabalho realizado pela equipe do CEFET-Maracanã - RJ, na II etapa da III Olimpíada Brasileira de Cartografia, realizada ao longo do ano de 2019. Esse trabalho mostra a existência de paisagens e territórios invisíveis que são mais sensíveis à uma parcela da população com necessidades especiais, que frequenta diariamente o entorno do CEFET, que por sua vez é cercado por outras instituições de ensino e pesquisa. Quem não é portador dessas necessidades, tem mais dificuldades para perceber as vicissitudes dessas paisagens que compõem esse território urbano.

O estudo foi desenvolvido através do levantamento das dificuldades de acessibilidade aos aparelhos urbanos no entorno Centro de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca – CEFET RJ – Campi Maracanã, para os portadores de necessidades especiais. O trabalho foi realizado nas ruas do bairro do Maracanã, que apresenta um espaço 100% urbanizado dentro do município do Rio de Janeiro, com mais de 25.000 habitantes (Fonte: IBGE, 2010), localizado na região administrativa IX de Vila Isabel, fazendo parte da Subprefeitura da Grande Tijuca. Localizado numa posição de passagem entre a zona norte e o centro da cidade, o Maracanã tem mais de três dezenas de linhas de ônibus circulando em suas ruas, usados por passageiros das zonas norte, oeste, sul, centro e municípios da Baixada Fluminense e Niterói. O bairro possui também ramais de trens da Supervia, metrô e integrações com o BRT (ônibus de trânsito rápido).

A primeira etapa foi levantar subsídios para a construção de dois mapas que orientem as pessoas com necessidades especiais que precisam acessar o CEFET a partir do desembarque dos principais meio de transportes. O primeiro mapa é bidimensional, voltado no caso, aos alunos com limitações de audição, cadeirantes, usuários de muletas ou dificuldades de andar. Foi feito no formato A2, apresentando os problemas de acessibilidade ao CEFET, bem como à outras instituições vizinhas; o segundo, é um mapa tátil, com legendas em *braille*, com as mesmas informações do primeiro, que foi a sua base cartográfica, e possibilita o acesso as informações para os cegos e alunos com limitações visuais.

A partir do levantamento e mapeamento dos problemas existentes no passeio público no entorno do CEFET, o objetivo do trabalho consistiu a partir da análise dos dados, em comprovar a percepção da existência de paisagens e territórios invisíveis, que devido as suas condições estruturais, impedem que os portadores de necessidades especiais possam desenvolver uma relação de territorialidade completa com esse espaço urbano. Considera-se a noção de invisibilidade porque, tanto os problemas quanto as dificuldades criadas por eles, são de difícil percepção para os cidadãos sem limitações de mobilidade e pelos responsáveis pela criação e conservação dessa aparelhagem urbana.

O epicentro das análises foi o Centro de Educação Tecnológica Celso Sukow da Fonseca – CEFET Maracanã, localizado na Av. Maracanã 229, no Bairro do Maracanã, na zona norte da cidade do Rio de Janeiro, com acesso também pela rua General Canabarro 485, ocupando 37.000m², praticamente todo o quarteirão. Frequentam esta instituição, aproximadamente 10 mil pessoas: 442 docentes, 326 técnicos administrativos, 8717 alunos (781 na pós graduação, 3746 na graduação, 1777 no Ensino Técnico e 2413 Integrado), 123 funcionários terceirizados (24 na vigilância, 38 na Limpeza interna, 13 na limpeza externa, 16 na manutenção e 32 recepcionistas) e aproximadamente uns 400 visitantes por dia. Essas pessoas, dentre elas portadores de necessidades especiais, diariamente realizam um fluxo de ida e volta do ponto de saída do transporte público para a escola e vice versa, precisando ultrapassar vários obstáculos.

Esse trabalho está dividido numa breve introdução com seu objetivo; na apresentação da metodologia utilizada; e na discussão dos dados com a explanação dos resultados encontrados, com base nos conceitos paisagem, território e territorialidade. Dessa forma, pretende-se enriquecer a discussão geográfica sobre paisagem e território, levantando a abordagem do conceito de invisibilidade, que propicia uma territorialidade incompleta pelas dificuldades de apropriação do espaço por esses atores com limitações de mobilidade.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi a de pesquisa-ação, com a investigação baseada nos problemas de mobilidade no entorno do CEFET Maracanã, identificados a partir de pesquisa de campo, e com a simulação dos alunos em cadeiras de rodas e olhos vendados tentando se locomover para os pontos de embarque de transporte público, visando produzir uma reflexão, como se eles fizessem parte de um grupo social dos portadores de necessidades especiais, visando compreender suas práticas, necessidades e formas de pensar o espaço.

Para isso, buscou-se informações sobre pessoas com necessidades especiais e seus problemas de circulação. Num segundo momento, pesquisou-se informações técnicas sobre croqui e “mapa tátil”. A partir daí, escolheu-se os programas digitais que seriam utilizados. Através do Google Maps, as ruas que representam os principais acessos ao CEFET Maracanã foram identificadas e plotadas: Ibituruna, Av. Maracanã, General Canabarro (rua da escola), Professor Gabizo, Mata Machado, São Francisco Xavier, Radial Oeste, bem como os pontos de desembarque de todos os meios de transporte coletivo ou de massa para acesso ao Campus: trem, metrô e ônibus. Após essa identificação, foi-se à rua para fazer fotos e vídeos dos problemas elencados, a partir do ponto de desembarque do transporte público até a escola, e descobriu-se mais coisas do que se imaginava, levantando a hipótese da existência de paisagens e territórios invisíveis para uma parcela da população.

Após os levantamentos feitos selecionou-se um mapa base no programa QGIS, onde foram inseridos os problemas encontrados no entorno da escola. Como o Campus do CEFET Maracanã tem mais de 37.000m², e diversos acessos ao seu redor optamos pela escala de 1:3.200, para poder retratar com mais detalhamento e de forma clara para o leitor, todas as mazelas enfrentadas no caminho da escola pelos cidadãos que possuem necessidades especiais.

Dentro do *QGIS*, optou-se por escolher um mapa da base de dados do “*Sputnik*”, prestando atenção para adequar sempre as projeções usadas em representações cartográficas de bases diferentes, minimizando ao máximo possíveis distorções, já que se trata da produção de uma planta urbana. Essa escolha se deu porque o mapa dessa base de dados (*Sputnik*) se adequava mais ao objetivo do trabalho, tendo uma gama de cores maior e perceptível para o leitor. Para fazer isso, utilizou-se um “complemento” chamado “*Quick Map Services*” dentro do *QGIS*, que possibilita utilizar um mapa de qualquer plataforma escolhida (por exemplo: *google maps*, *waze*, *sputnik*, etc).

Com as bases selecionadas, foi feito o mapeamento dos acessos e obstáculos, e a criação do mapa do bidimensional com os problemas de acesso ao CEFET. A partir do mapa bidimensional pronto, foi construído o mapa tátil, com diversos tipos de matérias com texturas diferentes, para os alunos com limitação total ou parcial de visão.

Com os mapas prontos e a reflexões percebidas pelos alunos foi realizada uma análise geográfica com base nos conceitos tradicionais de espaço, lugar, paisagem e territórios buscando levantar um viés inovador, com a introdução do conceito de paisagens e territórios invisíveis, produtos de territorialidades incompletas e da aceitação dos problemas de infraestrutura urbana por parte dos cidadãos, como se fossem uma regra normativa e não uma exceção circular no meio de buracos, raízes e lixo espalhado pelo passeio público.

A PAISAGEM E O TERRITÓRIO DOS PORTADORES DE NECESSIDADES ESPECIAIS NO ACESSO AO CEFET - MARACANÃ - RJ

Nesse trabalho, além de fazer um mapeamento sobre a estrutura urbana, voltada para cidadãos com necessidades especiais, buscou-se identificar e compreender, para além do visível, algumas simbologias presentes nas paisagens e no território, vivenciadas por esses cidadãos, desvendando o que se constitui invisível para as pessoas sem qualquer tipo de limitação. Essa possibilidade é exaltada por Nogué (2009), ao colocar que o ser humano se relaciona historicamente a paisagem geográfica apenas com o sentido da visão, entretanto, outros sentidos, como a audição, o olfato e o tato podem ser mais significativos do que aquilo que conseguimos enxergar.

Quem não pode ver, tem uma percepção bem maior do perigo representado no espaço urbano, por exemplo, ao atravessar uma rua, mesmo na faixa de pedestres, do que um cidadão que possui o sentido da visão. Isso invariavelmente causa um sentimento de não-pertencimento a um espaço geográfico que essa pessoa frequenta. A valorização do sentido da audição pelo poder público, com a instalação de sinais de trânsito sonoros, com intensidade de tempo, como existe em poucas cidades brasileiras, é fundamental para transformar essa percepção. Entretanto, esses aparatos passam completamente despercebidos para quem não tem essa necessidade especial e pode ver um sinal funcionando e um carro parado. Na figura 1 abaixo, observa-se a travessia com faixa de pedestres apagada e sem sinal sonoro, na rua General Canabarro 485, em frente a uma das entradas do CEFET. É usada por pessoas que vem ou vão para o ponto de transporte na rua Ibituruna e os demais sujeitos que frequentam esse espaço.

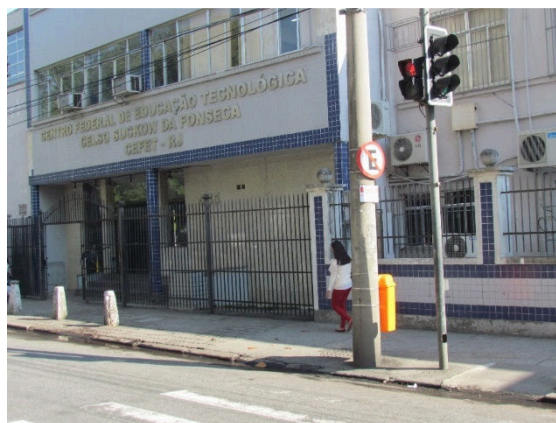


Figura 1. Sinal de trânsito sem aviso sonoro. Fonte: arquivo pessoal do autor 2019.

A paisagem pode ser entendida como o conjunto de elementos presentes num espaço, indo ao encontro do conceito de lugar, que se desenvolve através das relações pessoais e sentimentos bons ou ruins que uma pessoa estabelece com o espaço em que vive e frequenta. Como aponta Nogué (2009), para compreender a ideia das paisagens e territórios invisíveis propostas nesse artigo, é necessário, através das imagens apresentadas, interpretar essas paisagens como lugares de emoções e percepções múltiplas. Dentro desse contexto, isso só foi percebido quando um aluno se colocou na posição de um cadeirante tentando ir da escola para a estação de metrô. Ele foi impedido por uma amendoeira com tronco largo, raízes levantadas destruindo a calçada, expondo tubulação para cabeamento de fios, deixando um espaço diminuto entre ela e o muro da escola, impossibilitando a passagem do cadeirante. Observe a figura 2.

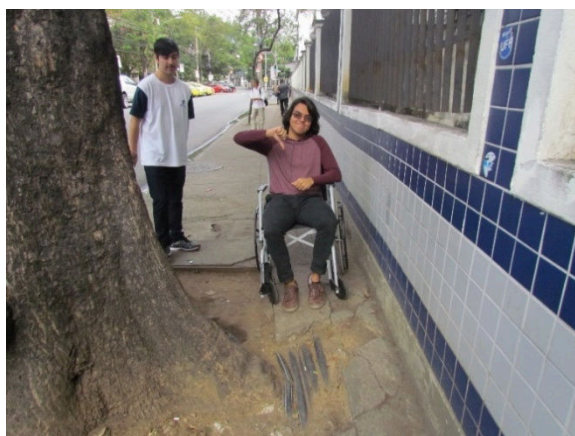


Figura 2. Árvore de grande porte na calçada do CEFET. Fonte: arquivo pessoal do autor, 2019).

Para o cidadão com necessidades especiais se sentir parte de uma paisagem, precisa estabelecer múltiplas e profundas cumplicidades com esse espaço, precisa poder se apropriar do seu uso, transformando-a em seu território. Contudo, nos territórios aqui considerados invisíveis isso ocorre de forma precária ou simplesmente não ocorre. Como mostra a figura 2, não é possível, um cadeirante pela calçada. Ele terá que atravessar a rua, mas do outro lado, existem problemas semelhantes ou piores.

O ser humano, ao caminhar normalmente se identifica e se apropria das paisagens presentes no espaço, remetendo aos conceitos de lugar e território. Essa paisagem pode ser

considerada para uma pessoa, o espelho da sua alma nesse território, de acordo com a identificação estabelecida, que pode ser de felicidade ou aflição. Significa dizer que ela representa uma percepção subjetiva, construída de acordo com as relações que precisa, deseja ou pode estabelecer com um determinado espaço, cuja dominação ou uso, representam a base do território.

A figura 3 mostra uma passarela construída para a Copa do Mundo de 2014, um aparelho urbano novo, porém, com a rampa de subida inapropriada para cadeiras de roda. Além dos alunos e frequentadores do CEFET, essa passarela também é utilizada por estudantes e trabalhadores do Colégio Militar do Rio de Janeiro - CMRJ, Colégio Pedro II – CP II Tijuca , Universidade Veiga de Almeida, Escola Técnica Estadual Ferreira Viana e Escola Técnica Federal de Química. Ao mesmo tempo, essa paisagem constitui um produto social importante, não leva em consideração a necessidade de todos os seus usuários, pois os portadores de necessidades especiais que usam cadeira de rodas têm sua passagem comprometida. Esse descaso representa uma tendência dos administradores públicos na cidade do Rio de Janeiro, sobretudo fora do eixo centro-zonal sul.



Figura 3. Passarela da Estação de trem sobre a Av. Radia Oeste, a mais próxima do CEFET.(Fonte: arquivo pessoal do autor 2019)

Seu piso de subida rugoso e mal acabado limita e até impede o uso da passarela para usuários de cadeiras de rodas, que necessitam de um acompanhante que lhes possibilite ultrapassar esses obstáculos, pois o acabamento dessa não foi pensado a partir das dificuldades e necessidades dessas pessoas. Esse lugar remete um sentimento de não pertencimento e de segregação a todos que não podem ou passam dificuldades diárias para ultrapassá-lo.

Para Nogué (2009), os conceitos de lugar e paisagem podem retratar culturalmente noções de estética, manutenção, contradições, medos, exclusões, entre muitas outras coisas, através da situação das calçadas, do material de que é feito o passeio público, da falta de manutenção dessas vias de circulação, da inexistência do retorno em relação aos impostos pagos, dos temores de sofrer um acidente ou não chegar na hora ao compromisso e da impossibilidade de ir e vir, impedido jovens de estudar, trabalhar e do convívio social. Observe a figura 4.



Figura 4. Calçada da Rua General Canabarro, próxima a esquina da rua professor Gabizo. Fonte: arquivo pessoal do autor 2019

No caminho dos pontos de ônibus da rua Professor Gabizo e da rua São Francisco Xavier, um cego ou um cadeirante se deparam com calçadas inclinadas, esburacadas, quebradas e cheias de raízes levantadas impossibilitando a sua circulação. A única saída é usar o asfalto e circular entre os carros. A percepção desses problemas se desenrolou a partir da tarefa proposta de tarefa da Olimpíada de Cartografia no ano de 2019, e pode ser analisada sob ótica das paisagens invisíveis. Até então, essa calçada sempre constituiu um local de passagem comum. Dessa forma, como afirma Nogué (2002), não existe paisagem sem espectadores e observadores, e esses apresentam, de acordo com a sua localização e situação, diferentes pontos de vista, a partir de suas perspectivas e possibilidades de apropriação de um espaço. A percepção se torna o elemento crucial para o entendimento das paisagens, pois ao observá-las pode-se produzir diferentes de meios interpretar o espaço e vivenciar o território.

A forma como um cidadão cego, cadeirante ou com outros tipos de limitação de locomoção sente ao atravessar os espaços apresentados na figura 5 é completamente diferente do sentimento de um cidadão sem limitações. As dificuldades apresentadas são causadas por uma drenagem de águas pluviais deficiente que deixa os usuários de cadeiras de rodas expostos a doenças como a leptospirose ao passarem com suas rodas por essa água, já que as movimentam com as mãos. Esse é um obstáculo invisível para uma boa parte das pessoas que podem atravessar de pé e enxergando a poça. Isso pode fazer com que esses cadeirantes não se sintam pertencentes a esse espaço, procurando evitá-lo, e muitas vezes, a forma de se evitar é não sair de casa. Esses espaços passam a não pertencer a esse público.



Figura 5. Poça de água suja em rampa de cadeirante em frente ao CEFET, na rua General Canabarro. Fonte: arquivo pessoal do autor 2019.

Uma paisagem é a fisionomia peculiar que revela uma parte específica de um lugar. É no lugar, segundo Nogué (2011), onde as relações natureza-cultura podem se cristalizar, ou não, no caso apresentado dos portadores de necessidades especiais. Quando não cristalizam, não formam o território. Para esse autor, a interpenetração natureza-cultura pode conferir ao lugar um caráter distinto que o transforma de forma ímpar, irrepetível e que pode ser visualizado e materializado de formas diferentes através percepção e condição dos observadores da sua paisagem. As pessoas só se sentem parte de uma paisagem, quando podem contemplá-la de forma positiva e usufruir dela, sendo esse o ingrediente principal do sentido de lugar.

Na figura 6 abaixo, poucos transeuntes que caminham por esse espaço, são capazes de perceber que a calçada tem uma forte inclinação em direção ao meio fio, o que dificulta e torna dolorosa a circulação de um cadeirante que aumenta seu esforço para controlar a cadeira, sem contar os remendos mal feitos, os canteiros de árvores abandonados e as poças de água suja. Mais uma vez, essa percepção só foi possível a partir do momento que alguém se sentou na cadeira para se deslocar até a estação de metrô mais próxima, na Av. Radial Oeste e fazer o caminho de volta. A qualidade da calçada, a falta de manutenção, e o planejamento ou execução mal feitos atrapalha e até mesmo impede em determinados dias o uso dessa via de circulação sem ajuda de terceiros.



Figura 6. Inclinação da calçada da rua General Canabarro próxima a entrada do CEFET. Fonte: arquivo pessoal do autor 2019.

Como aponta Nogué (2011), a paisagem sempre desempenhou um papel muito importante não só no processo de constituição das identidades territoriais, mas também na sua manutenção e consolidação. Dessa forma, tentamos a partir das paisagens percebidas pelos portadores de necessidades especiais, inserir esse tema no debate territorial, pois ela tem um papel relevante na formação e consolidação das identidades territoriais, na maioria das vezes ausente para essa minoria social ou invisível para outros observadores.

Segundo Saquet (2007), o conceito de território na atualidade contempla a noção de dinamismo, contradições, relações de poder, identidades, redes de circulação, entre outros elementos. Para este autor, o conceito de território atinge desde territórios como abrigo, apropriado por grupos sociais com poucos recursos de sobrevivência dependentes de aportes físicos do meio, até territórios vinculados ao ciberespaço, os quais, segundo Haesbaert (2004), o controle é feito por meios informacionais. É dentro dessa perspectiva de múltiplos territórios, que Haesbaert (2004) chegou ao conceito de multiterritorialidade, pautada numa diversidade territorial de convivência, com camadas sobrepostas de territórios complexos, com as mesmas paisagens, porém, percebidas e apropriadas de formas diferentes. A partir dessas camadas sobrepostas de percepções diferentes é que se propõe existência dos territórios invisíveis dos portadores de necessidades especiais. Invisível não para eles, mas para a sociedade em geral.

Nos últimos anos e em muito pouco tempo, o território foi modificado muitas vezes com extrema rapidez. No caso do Rio de Janeiro, nos últimos 114 anos a zona mais central da cidade passou por pelo menos quatro grandes reformas urbanas, mas em geral, isso não resultou em uma melhora na qualidade da paisagem e na sua apropriação para os portadores de necessidades especiais, que na maioria das vezes ficam alijados do planejamento urbano.

Na figura 7, da rua São Francisco Xavier, entre o Colégio Pedro II (CP II) e o Colégio Militar do Rio de Janeiro (CMRJ) existe uma travessia de rua que dá acesso ao ponto de ônibus, e desse ponto, para essas escolas e ao CEFET.



Figura 7. Travessia de pedestres na rua São Francisco Xavier, em frente ao CMRJ e ao CP II. Fonte: arquivo pessoal do autor 2019.

Observa-se nessa paisagem uma faixa de pedestres bem marcada no asfalto, um poste preto onde está o sinal de trânsito, um canteiro bem pintado, uma árvore conservada e um pequeno poste de concreto, teoricamente para impedir que um carro suba na calçada. Tudo bem bonito e bem arrumado. Porém, essa estrutura não serve a todos. O sinal de trânsito fica aberto para os pedestres apenas por 20 segundos, não tem aviso sonoro, a calçada está levantada pela raiz das árvores e não há espaço para uma cadeira de rodas, causando perigo para cegos e

quaisquer pessoas com limitações de movimentação. Dessa forma, os portadores de necessidades especiais, principalmente estudantes adolescentes, desenvolvem uma dificuldade de agir e de se relacionar com esse espaço, não conseguindo se apropriar dele, e, sem essa apropriação através do uso, esse espaço geográfico mais uma vez não constitui um território para eles. Embora essa seja uma paisagem urbana aparentemente organizada, ela não apresenta, segundo Sposito (2009) a qualidade necessária que o território precisa oferecer para ter a sua utilização, apropriação ou apreensão para um determinado grupo de usuários.

Essas dificuldades impostas a esses usuários não são invisíveis aos olhos de outros estudantes que passam por esse local, pelo simples fato que elas não afetam a sua circulação, não comprometem o seu uso e sua apropriação cotidiana. Levantar esse tipo de problema ou característica da paisagem, contribui para que os estudos sobre territórios se transformem em importante instrumento de análise visando a tomada de consciência voltada para as questões sociais e espaciais, ampliando na visão de Silva (2009) a ideia inicial concebida por Ratzel, na qual o território era concebido apenas como espaço de poder, demarcado, controlado e governado, constituindo suporte para o desenvolvimento de uma nação, ou seja, um espaço vital. O conceito de território hoje apresenta várias escalas e várias camadas de análise, de acordo com as características, necessidades e percepção do observador.

Na paisagem da figura 8, observa-se a dificuldade do cadeirante ao se deslocar do CEFET em direção a Av. Radial Oeste, pela rua General Canabarro, indo em direção ao metrô ou aos pontos de ônibus que ligam a escola as zonas Norte, Sul, Centro e Oeste. Nesse caminho existe a falta de rampas, buracos entre a calçada e o meio fio, garrafas quebradas, blocos de concreto e grades impedindo a passagem e obrigando ao cadeirante transitar pelo meio da rua, em frente a propriedade militar do Palacete Laguna onde fica o Centro de Estudos e Pesquisas da História Militar do Exército. Essas são algumas das armadilhas urbanas que impede um pessoa com limitações de mobilidade circular e a solução em alguns pontos é ser carregado no colo, pois os obstáculos literalmente impedem um cadeirante de passar por esses locais.

Infelizmente essa aparelhagem urbana acaba caindo no senso comum dos transeuntes, pois todos podem andar, enxergam, ouvem buzinas, sons dos motores de carros, ônibus e motocicletas passam por esse local com naturalidade, como se os problemas não existissem.



Figuras 8. Osbtáculos urbanos na rua General Canabarro, no caminho do transporte público. Fonte: arquivo pessoal do autor 2019.

A forma como espaço urbano está construído nesse local representa mais uma situação em que as dificuldades existentes para os portadores de necessidades especiais são invisíveis aos

olhos de outras pessoas. Esses atores têm dificuldades em exercer seu direito de ir e vir, criando relações completamente diferentes com o território, já que espaço e território, como afirma Saquet (2009), não estão separados, sendo o primeiro, indispensável para a apropriação do segundo, constituindo a sua base.

A ideia da invisibilidade apresentada nas paisagens e territórios no entorno do CEFET Maracanã, no Rio de Janeiro, vai ao encontro do conceito exposto por Haesbaert (2007) quando sugere a existência de um território simbólico, que compreende uma apropriação identitária ou afetiva pelas ações de grupos sociais sobre o espaço que se reproduzem socialmente. Como esses espaços existem de forma concreta, mas não são capazes de serem apropriados pelos portadores de necessidades especiais, pois os mesmos não se sentem parte deles pelas dificuldades no seu uso, eles se tornam invisíveis, pois possuem especificidades que o poder público não enxerga ou não se importa. Na visão de Haesbaert e Limonad (2007), essa dimensão mais subjetiva do território que as pessoas desenvolvem, é chamada de consciência de apropriação ou identidade territorial. No caso dos portadores de necessidades especiais, ela está incompleta ou é invisível por quem não vivencia suas mazelas.

Discutindo a inexistência ou a invisibilidade da territorialidade

A territorialidade constitui a forma como um determinado grupo ou nicho social se apropria do território. Segundo Saquet (2015), pode-se compreender essa *territorialidade através de alguns níveis correlatos de*: relações sociais, identidades, diferenças, redes, malhas, nós, desigualdades e conflitualidades; apropriação concreta e simbólica do espaço geográfico; e pelos comportamentos, metas, desejos e necessidades de cada uma. Dessa forma, a camada da paisagem visível pelas experiências apenas para os portadores de necessidades especiais dificulta a apropriação desse espaço, criando uma territorialidade incompleta, precária e até certo ponto invisível para nós. Assim, considera-se que essa minoria formada pelos portadores de necessidades especiais não se apropria de forma pessoal do território, ou o fazem de forma parcial, incompleta, sendo que em alguns casos, podem não se apropriar, optando por não sair de casa. Sendo assim, não estabelecem uma identidade, dificultando ou não constroem relações sociais, aumentando as desigualdades que vivenciam, em virtude dessa impossibilidade de constituir uma territorialidade, ou por esse não ser plena e visível para todos.



Figuras 9. Impossibilidade de passar com a cadeira de rodas pela rua Otto de Alencar, na esquina com General Canabarro. Fonte: arquivo pessoal do autor, 2019.

A rua Otto de Alencar é de mão dupla, não tem sinais de trânsito ou faixa de pedestres, representando um perigo para um cidadão cego, além de ser impossível a passagem da cadeira de rodas pelos obstáculos na calçada.



Figuras 10. Entroncamento das ruas General Canabarro, Mata Machado e Professor Gabizo. Fonte: arquivo pessoal do autor, 2019.

O encontro da General Canabarro, Mata Machado e Professor Gabizo fica na saída do Centro Municipal de Reabilitação Oscar Clark e não tem sinais de trânsito, rampas ou faixa de pedestres. Através desses problemas apresentados nas imagens 9 e 10, observasse como se torna muito difícil um grupo social portador de necessidades especiais conseguir valorizar o seu espaço urbano vivido no dia a dia. Esse espaço acaba se tornando sinônimo de tormenta, angústias e medo, pois é compreendido pelas dificuldades de uso, sem identificações positivas.

Um cidadão sem nenhum tipo de limitação física pode desenvolver um sentimento de valorização e identidade pelo espaço que frequenta, pode lembrar caminhos percorridos com prazer, sons, cheiros e experiências desenvolvidas, pois ao descer do transporte caminha facilmente para seu destino e dele pode se deslocar para qualquer lugar. Mas um frequentador do Centro Municipal de Reabilitação Oscar Clark, especializado na reabilitação de média e alta complexidades, nas especialidades auditiva, física, intelectual e visual, ao sair de seu tratamento inicia um calvário na volta para sua casa, precisando ultrapassar um espaço que não é funcional para ele, e assim, destituído de uma carga simbólica positiva, aos ser formado por elementos que são invisíveis aos olhos de boa parte da população. Destarte, ele não consegue estabelecer uma territorialidade com esse espaço.

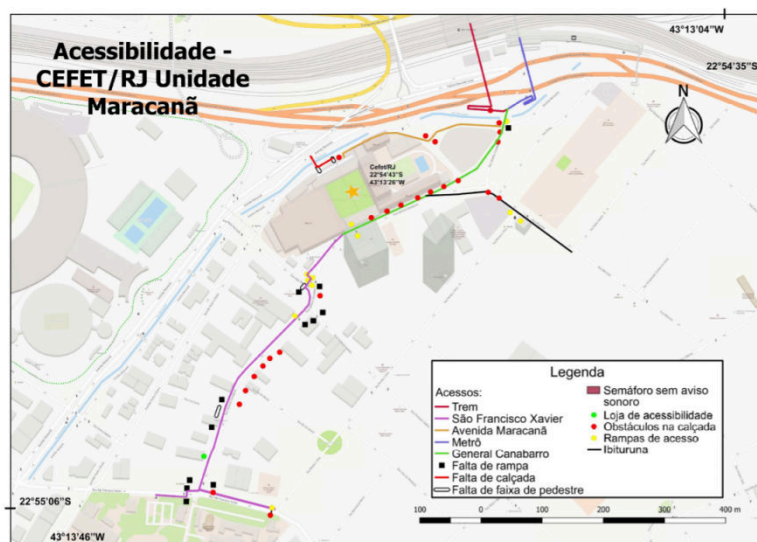
Do mesmo modo, um aluno portador de necessidade especiais que venha das zonas norte ou oeste e desça em frente a escola, na Avenida Maracanã 229, terá que atravessar o rio Maracanã e a Avenida Maracanã, como mostra as figuras 11. Entretanto, quando ele chega a ponte sobre esse rio, a calçada tem pouco menos de 30 cm, também não existe sinal de trânsito para a travessia faixa, de pedestres ou controladores de trânsito, mesmo esse local ficando em frente a uma das bases da guarda municipal, no espaço gradeado do outro lado da rua, embaixo do viaduto.



Figuras 11. Ponto de ônibus na Av. Maracanã em frente ao CEFET e passagem sobre o rio Maracanã. Fonte: arquivo pessoal do autor, 2019)

Para quem vem do Centro e da Zona Sul e desce do outro lado da Avenida, existe um sinal de trânsito sem aviso sonoro, que fecha a cada 5 minutos, dando apenas 10 segundos para a travessia dos pedestres. Isso expõe os estudantes a assaltos numa avenida deserta e sem policiamento, e obriga-os (quem pode) a correr para poder atravessar. Recomenda-se lembrar que aproximadamente 10.000 pessoas frequentam o CEFET e ele tem apenas duas entradas. Outra opção é descer num ponto mais distante, em frente a estação de metrô de São Cristóvão, e passar por todos os obstáculos presentes nas figuras anteriores apresentadas.

Com o levantamento de todos os problemas no perímetro estabelecido no entorno do CEFET – Maracanã, delimitado a partir de todos os pontos de entrada e saída do transporte público e todos os caminhos que levam a escola, foram produzidos dois mapas de acessibilidade, como tarefa final da III Olimpíada de Cartografia, que possibilitaram as análises sobre paisagem e território, aqui realizadas.



Mapa1. Mapa digital de acessibilidade – CEFET – Maracanã - RJ. Autores: Márcio de Araújo Moreira, Ana Carla Machado Alves, Luiz Fernando Moreira Meirinho, Julia Do Carmo Aranha, Victor Hugo Mendes Zenteno Zuleta, 2019.

Esse mapa descreve digitalmente todos os obstáculos e dificuldades consideradas pertinentes a circulação de portadores de necessidades especiais no entorno das instituições de ensino próximas ao CEFET Maracanã.



Mapa 2. Mapa de tátil de acessibilidade – CEFET – Maracanã - RJ. Autores: Márcio de Araújo Moreira, Ana Carla Machado Alves, Luiz Fernando Moreira Meirinho, Julia Do Carmo Aranha, Victor Hugo Mendes Zenteno Zuleta, 2019.

Esse mapa tátil foi feito em tamanho A2, numa base de isopor a partir das informações digitalizadas no mapa anterior. Descreve com materiais de diferentes texturas e linguagem em brainly, todos os obstáculos e dificuldades fotografados nesse trabalho que dificultam e colocam em risco a circulação de portadores de necessidades especiais.

Esses mapas estão expostos na entrada principal do CEFET para consulta dos interessados e apreapresentam importantes informações não só para a direção da escola, mas aos responsáveis do poder público para que possam tomar providências, e a todos que desejam compreender um pouco as dificuldades que esses cidadão passam para chegar ao seu destino e retornar para suas casas.

As ruas com cada problema plotado e analisado, representa o que denominou-se de paisagens invisíveis, que pela dificuldade de apropriação formou os territórios invisíveis dos portadores de necessidades especiais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Esse trabalho fez um levantamento das condições das calçadas, sinais de trânsito, travessias e demais problemas, sinalizações ou a falta delas em todas as ruas do bairro do Maracanã que servem de acesso ao CEFET.

Considerou-se o material produzido relevante, pois não se imaginava que cidadãos com necessidades especiais enfrentavam tantos e tão graves problemas para se locomoverem, no seu ir e vir para a escola e, no seu dia a dia para todos os lugares. Dessa forma, concluiu-se que os espaços e as paisagens urbanas são percebidos de forma diferentes por esse público, e invisíveis aos olhos de quem não é portador de necessidades especiais. As relações que esse público estabelece com o território fica comprometida, pelas dificuldades de uso dele, dificultando, limitando e possivelmente até impedindo o estabelecimento de uma territorialidade com esses espaços e seus aparelhos urbanos.

Percebeu-se que a paisagem em volta do CEFET está cheia de lugares que abrangem experiências e desejos das pessoas que circulam por ele, tornando-se pontos de significados e símbolos que expressam pensamentos, ideias e emoções, boas ou ruins, de cidadão que todos os dias vão ou passam pela escola.

A partir do levantamento fotográfico dos problemas estruturais desse lugar, ou seja, todas as condições que atrapalham ou impedem os portadores de necessidades especiais de circular com desenvoltura no caminho do desembarque do transporte público para o CEFET, e com o estabelecimento de uma base cartográfica, foram criados dois mapas de acessibilidade à escola: um bidimensional, direcionado para alunos que apresentam quaisquer tipo de limitação que não seja visual e outro mapa tátil, com legendas em *brailly*, voltado para alunos com limitações visuais.

O objetivo além de identificar os problemas que afetam a chegada e a volta para casa, informando os problemas e os melhores caminhos, foi debater o conceito de paisagens e territórios invisíveis na Geografia. Além disso, foi possível orientar a direção sobre as mazelas enfrentadas por esse público, possibilitando que a mesma possa acionar as autoridades competentes à corrigir o que esteja errado ou tomar as suas próprias providências.

Quando falamos de paisagem, estamos falando de uma porção da superfície terrestre que foi moldada, percebida e internalizada ao longo de décadas pela sociedade que frequenta esse lugar. Essa percepção é diferente de acordo com cada observador, podendo ser invisível aos olhos de alguns. Essa invisibilidade só se desnudou para os autores desse artigo depois de se traçar um perímetro de estudos para ir a campo identificar os problemas urbanos estruturais, alguns nunca imaginados, como: a inclinação das calçadas em direção a rua, a falta de rampas para descida e subida da cadeira de rodas, poças de água suja acumulada em rampas pela deficiência da drenagem, ralos entupidos, inexistência de avisos sonoros em sinais, rugosidade do calçamento em plano inclinado de passarelas, falta de faixas de pedestres em travessias, ausência de controladores de trânsito, falta placas que indicam ruas de mão duplas em esquinas com travessia, lixo cortante no chão, galhos podados cobrindo calçadas, postes de ferro e concreto obstruindo o caminho, raízes levantadas destruindo o concreto das calçadas, grades impedindo o uso do passeio público em frente a propriedades militares etc.

Foi muito relevante identificar tamanhos problemas enfrentados pelos portadores de necessidades especiais e a percepção de invisibilidade de determinadas paisagens urbanas. A partir dessa sensação de invisibilidade urbana no entorno do CEFET, parte a ideia desse artigo, propondo o conceito de paisagens e territórios invisíveis no entorno da escola, pois todo território é formado por uma paisagem, porém, parte delas muitas pessoas não conseguem perceber. Todo território pode ser apropriado por um grupo que se identifica com ele e estabelece relações sociais a partir dele, mas os portadores de necessidade especiais apresentam dificuldades para isso, pois essa aparelhagem urbana não os reconhece.

As paisagens invisíveis aos olhos de quem não tem limitações físicas, agem como se fosse uma camada transparente da paisagem presente, e seus problemas não permite que os portadores de necessidades especiais se apropriem em usos e frutos desse território urbano. Sem essa apropriação, concreta ou abstrata, direta ou subjetiva, como afirma RAFFESTIN (1993) não ocorre a territorialização desse espaço, ou ela acontece de forma mutilada ou incompleta, pois essas pessoas não conseguem dar significado para esse lugar, ou esse significado é negativo não estabelecendo uma noção de identidade. Sem essas relações sociais efetivadas, não existe a territorialidade e, se ela não existe não existe o território. Mas ele está lá, inalcançável para os portadores de necessidades especiais que não conseguem estabelecer relações com ele e invisível para outros cidadãos, que não percebem a dificuldade do estabelecimento dessas relações para essas pessoas.

Para finalizar, entendemos que todo espaço urbano foi criado com a função de servir a mobilidade, mas não pode ser usado de forma plena para o que foi criado por um grupo de pessoas dotado de necessidades especiais. Dessa forma, propomos que isso representa uma dificuldade de territorialização desse território, de acordo com a função à qual ele foi criado, representando uma limitação deste grupo de se apropriar desse espaço pelas condições que ele lhes oferece.

Espere-se que a partir da abordagem de invisibilidade da paisagem, território e territorialidade, seja possível de ampliar a discussão desses conceitos geográficos, a partir das experiências vividas ou impedidas, dos portadores de necessidade especiais.

AGRADECIMENTOS:

Agradeço a Luiz Fernando Moreira Meirinho e Victor Hugo Mendes Zenteno Zuleta, alunos do curso de Eletrotécnica do CEFET – RJ e coautores desse artigo por terem cedido suas imagens nas fotos aqui apresentadas e ao Sr. José Cláudio Guimarães Teixeira, chefe do DEMET – Departamento de Ensino Médio Técnico em 2019, pelo suporte dado durante o trabalho e pelos dados referentes ao número de servidores, alunos e demais profissionais que frequentam a escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HAESBAERT, R. O Mito Desterritorialização: do “Fim dos Territórios” à Multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2004.

_____. Território e Multiterritorialidade: Um Debate. GEOgraphia. v. 9, n. 17, p. 19-44, 2007.

HAESBAERT, R; LIMONAD, E. O Território Em Tempos De Globalização. 2007. Revista etc, espaço, tempo e crítica. v. 1, n. 2(4), p. 39-52, 2007.

NOGUÉ, J. F. Geopolítica, identidad y globalización. Barcelona: Ariel, 2002.

_____. Las Otras Geografías. Valência: Tirant Lo Blanch, 2006.

_____. Entre Paisajes. Barcelona: Àmbit, 2009.

NOGUÉ, J. F.; BRETCHA, G.; PUIGBERT, L. Paisatge i participació ciutadana. Barcelona: Observatori del Paisatge de Catalunya, 2011.

RAFFESTIN, C. Por Uma Geografia do Poder. São Paulo: Ática, 1993.

SAQUET, M.A. As diferentes abordagens do território e a apreensão do movimento e da (i)materialidade. Geosul. v. 22, n. 43, p. 55-76, jan-jun. 2007.

_____. Por uma abordagem territorial. In: SPOSITO, E. S. (Org.). Território e Territorialidades: Teoria, Processos e Conflitos. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

_____. Por uma geografia das territorialidades e das temporalidades: uma concepção multidimensional voltada para a cooperação e para o desenvolvimento territorial. Rio de Janeiro: Consequência, 2015.

SILVA, C. H. Território: uma combinação de enfoques – Material, Simbólico e Espaço de Ação Social. Geografar. v. 4, n. 1, p. 98-115, jan-jun. 2009.